



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

USO DA TECNOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR

SEBASTIANA ÂNGELO DE FIGUEIRÊDO

**JOÃO PESSOA
2014**

SEBASTIANA ÂNGELO DE FIGUEIRÊDO

USO DA TECNOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Secretaria de educação do estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista em educação.

Orientadora: Prof^ª Ms.Rochane Villarim de Almeida

**João Pessoa – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663u Araujo, Sebastiana Angelo de
Uso da tecnologia no ambiente escolar [manuscrito] /
Sebastiana Angelo de Araujo. - 2014.
39 p.

Digitado.

**Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Centro de Ciências e Tecnologia, 2014.**

**"Orientação: Prof^o.Ma. Rochane Villarim, Departamento de
CCT".**

1. Tecnologia. 2. Ensino. 3. Aprendizagem. I. Título.

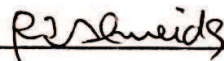
21. ed. CDD 371.33

SEBASTIANA ÂNGELO DE FIGUEIRÊDO

USO DA TECNOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR

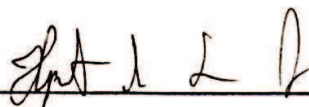
Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Secretaria de educação do estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista em Educação.

Aprovada em: 30/08 2014



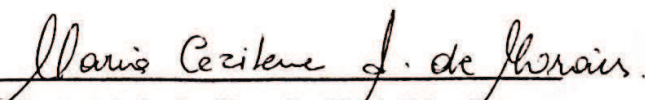
Profª Ms. Rochane Villarim de Almeida

Orientadora



Prof. Dr. Hipólito de Sousa Lucena

Examinador



Profª Ms. Maria Cezilene Araújo de Moraes

Examinadora

DEDICATÓRIA

A minha família que compreendeu
minhas ausências nos sábados do
último ano, dedico.

AGRADECIMENTOS

Não poderia concluir esse curso de especialização sem antes agradecer aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram para que eu pudesse concluí-lo.

- A Deus, sempre presente em minha vida e sempre bondoso com a minha pessoa.
- A minha família, razão de meus esforços para alcançar o meu aprimoramento profissional.
- Aos coordenadores do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Multidisciplinares, Dr. Francisco Jaime e Ricardo Olímpio, pelo modo como coordenaram o polo de João Pessoa.
- Aos professores das disciplinas presenciais e a distância, que souberam compartilhar seus conhecimentos, enriquecendo o aprendizado e as relações interpessoais.
- Aos colegas de turma, que tornaram-se verdadeiros amigos.
- Aos meus alunos, que exigem de mim a capacitação profissional.

Bem como as demais pessoas que ajudaram-me imensamente na minha realização profissional.

“O papel da escola passa pela porta do conhecimento. É ajudar o ser que está em formação a viver, a encarar a vida. Eu acho que o papel da escola é nos ensinar quem somos nós; nos situar como seres humanos; nos situar na condição humana diante do mundo, diante da vida; nos situar na sociedade; é fazer conhecermos a nós mesmos. E eu acho que a literatura tem o seu papel. O papel da educação é de nos ensinar a enfrentar a incerteza da vida; é de nos ensinar o que é o conhecimento, porque nos passam o conhecimento mas jamais dizem o que é o conhecimento. E o conhecimento pode nos induzir ao erro. Todo conhecimento do passado, para nós, são as ilusões. Logo, é preciso saber estudar o problema do conhecimento. Em outras palavras, o papel da educação é de instruir o espírito a viver e a enfrentar as dificuldades do mundo.”

-- Edgar Morin

RESUMO

O uso da tecnologia no ambiente escolar, é uma base essencial para a transformação da educação, pois ela oferece ferramentas necessárias para dar suporte aos ambientes de aprendizagem. A nossa inquietação é pesquisar como os professores têm utilizado as tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. O nosso objetivo principal é analisar as tecnologias que são utilizadas para o desenvolvimento das aulas e os objetivos específicos são investigar o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem e compreender o uso da tecnologia no ensino, entre outros. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura, através de pesquisa teórica. Concluímos que educar não se limita à simples transmissão de conteúdos prontos, mas exige do professor o exercício contínuo sobre a prática, em busca de estratégias eficazes do ensinar e do aprender. Assim como outras tantas questões relacionadas à docência, é preciso que ele reavalie continuamente a sua prática, valorizando interações e atitudes baseadas no conhecimento que tem sobre a disciplina e implementando estratégias eficazes para torná-la passível de ser aprendida.

Palavras-chave: Tecnologia; Ensino; Aprendizagem.

ABSTRACT

The theme of this research is to use the technology in the school environment. The research problem is how teachers have used technology in teaching and learning? The main objective is to analyze the technologies that are used for the development of lessons and specific objectives are to investigate the use of technology in the teaching and learning process and understand the use of technology in education, among others. The methodology is the literature review, through theoretical research. We conclude that educating is not limited to mere transmission of content ready, but requires the continuous exercise on teacher practice in search of effective strategies of teaching and learning. Like so many other issues related to teaching, he must continually reassess their practice, enhancing interactions and attitudes based on the knowledge it has about the discipline and implementing effective strategies to make it capable of being learned.

Keywords: Technology, Education, Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	13
1.1 A INCORPORAÇÃO DAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA.....	15
2. A LOUSA ELETRÔNICA	19
2.1 O USO DA LOUSA	20
3. A TECNOLOGIA NO ENSINO	25
3.1 O PAPEL DO PROFESSOR.....	25
3.2 O PAPEL DA ESCOLA.....	28
4. O ENSINO E O CINEMA	30
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	38-39

INTRODUÇÃO

Segundo Abud (2003), ensinar é uma ação intencional e justificável. Ensinar é uma ação intencional porque é feita com alguma finalidade, em princípio para facilitar o aprendizado do aluno. Ensinar é justificável porque aquilo que se ensina é avaliado e validado pelos alunos.

O aspecto justificável do ensino refere-se à escolha dos objetivos que o professor faz para seus alunos. O aspecto intencional refere-se à maneira pela qual o professor auxilia os alunos a alcançarem os objetivos escolhidos por ele. Essa maneira inclui o ambiente de aprendizagem, as atividades e os recursos que o professor disponibiliza.

As empresas interessadas na integração das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) à educação têm desenvolvido e oferecido diferentes materiais digitais: portais educacionais, com informações e conteúdos didáticos destinados a professores e alunos; materiais multimídias (em CD ou em rede) complementares aos livros didáticos; enciclopédias multimídias (em CD ou em rede); plataformas de conteúdo em rede.

No Brasil, em particular, os sistemas de ensino oferecem às instituições de ensino portal educacional, material didático impresso, dicionário eletrônico, aulas multimídias, simulações de experimentos, banco de testes e questões, entre outros itens. Os professores das instituições que adotam essa solução educacional já têm à sua disposição uma diversidade de recursos de apoio ao ensino. O ensino tem sido muito beneficiado com a utilização da lousa eletrônica e dos filmes, como será abordado neste trabalho.

Segundo Arruda (2002), em vários relatos de pesquisa, a introdução de novas tecnologias em sala de aula ocorreu por iniciativa própria de um professor ou de um grupo deles, que influenciou os demais colegas. Entretanto, nesse contexto essa ação não foi capaz

de incorporar o uso da tecnologia na prática diária dos professores, e a iniciativa não perdurou.

Para que a tecnologia conquiste eficientemente a sala de aula, é preciso que os gestores capacitem os professores, tornando-os confiantes e competentes em seu uso. Mesmo considerando uma nova geração de professores, que teve acesso a novas tecnologias na escola ou em casa, é preciso dar-lhe a oportunidade de conhecer os usos pedagógicos das TICs, de explorar o potencial dessa tecnologia para o processo de ensino-aprendizagem, avaliando os benefícios de sua utilização tanto para os alunos quanto para si mesmos.

Quando o professor é confiante no uso da tecnologia e sabe o potencial pedagógico das diferentes ações que pode implementar em sala de aula, ele é capaz não só de usar os materiais e fontes disponíveis para esse fim mas também de desenvolver seu próprio material, adequando-o à sua necessidade e à de seus alunos.

Mediante a problemática, o nosso intuito foi pesquisar como os professores têm utilizado as tecnologias no processo de ensino e aprendizagem. O objetivo principal foi analisar as tecnologias que são utilizadas para o desenvolvimento das aulas e os objetivos específicos foram investigar o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem e compreender o uso da tecnologia no ensino, entre outros. A metodologia utilizada foi a revisão de literatura.

CAPÍTULO 1

A TECNOLOGIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

As tecnologias da informação e da comunicação (TICs) mudaram a noção de tempo e de espaço na sociedade atual, delineando uma nova coletividade alicerçada em pessoas, máquinas e informação. Criou-se um novo espaço de relacionamento e de comunicação, que permite a criação de comunidades em torno de um interesse comum, revela possibilidades de inserção social e laboral.

Há mudanças profundas em vários setores da nossa sociedade: na educação, na comunicação, no lazer, no trabalho. Segundo Candau (2000, p. 17):

A penetração destas “máquinas inteligentes” em todas as esferas da vida social é incontestável: no trabalho e no lazer; nas esferas pública e privada. Do cinema mudo às redes telemáticas, as principais instituições sociais foram sendo transformadas por estas tecnologias que, nos dias de hoje (mas as mudanças são tão rápidas!), estão compreendidas na expressão tecnologias de informação e comunicação (TIC): as famílias, cujo cotidiano foi sendo invadido pela programação televisual; as igrejas que tiveram de render-se aos apelos da TV e do espetáculo; as escolas particulares que, por pressão do mercado, utilizam a informática como um fim em si.

Acessíveis a uma parcela cada vez maior de cidadãos, essas tecnologias, que podem ser definidas como “novos suportes e canais que dão forma, registram, armazenam e difundem conteúdos informacionais”, possibilitaram a formação de uma rede que desconhece fronteiras geográficas, linguísticas e temporais. Desde que surgiu, essa rede permite que seus usuários naveguem por ela em busca de informação e, mais recentemente, que trabalhem de forma cooperada.

Os meios de comunicação de massa (imprensa, rádio, televisão), os videogames e a internet aproximaram muita informação dos cidadãos, mudando tão radicalmente o contorno

da nossa sociedade que lhe deram um novo epíteto: sociedade da informação. (CHARLOT, 2000)

Na sociedade atual, o uso disseminado das tecnologias da informação e comunicação vem ocasionando mudanças profundas no mundo do trabalho e no da educação. Em particular nesse caso, as transformações exigem uma ampla revisão do setor: das políticas educacionais aos objetivos das instituições de ensino, da formação continuada de docentes à metodologia aplicada em sala de aula, da mobilização da família e da comunidade com a educação à definição de disciplinas integradas ao currículo e aos conteúdos previstos.

Em resposta a esse novo cenário, segundo Martins (2002), algumas escolas passaram a incluir ações relacionadas às tecnologias, com diferentes abordagens. Uma delas teve o objetivo de possibilitar aos alunos o conhecimento das tecnologias em si mesmas, com as quais é possível obter informações.

Outra ação foi a utilização das tecnologias como fonte de informação, usada pelos professores para o desenvolvimento do curso e pelos alunos em atividades de pesquisa. Uma terceira ação foi o uso das tecnologias como estratégia de ensino-aprendizagem, o que exigiu uma mudança na metodologia da prática docente.

De fato, segundo Monteiro (2007), as TICs têm múltiplas funcionalidades no âmbito educacional: fonte de informação (hipermídia), canal de comunicação interpessoal (para trabalho colaborativo, troca de informação), meio de expressão e criação (processadores de texto e de gráfico, editor de páginas de *web*, mídia lousa eletrônica para apresentação multimídia), processador de dados (planilha e banco de dados), gestão administrativa e financeira (secretaria, biblioteca, etc) e uso didático (facilitador do processo de ensino-aprendizagem).

A escola de hoje deve preparar o aluno a buscar, avaliar, selecionar, estruturar e incorporar a informação ao seu repertório de conhecimento. Buscar a informação é uma habilidade que se adquire pela prática contínua e reflexiva. Avaliar exige que se disponha de uma série de critérios que possam ser aplicados na avaliação. Selecionar implica tomar decisões, assim como estruturar. Finalmente, incorporar a informação pressupõe o acúmulo de informações memorizadas. A memorização permite que se construa uma base de informação a partir da qual se definem nossos critérios de avaliação e estruturação do conhecimento. Também cabe à escola incorporar a cultura audiovisual, preparando o aluno para interpretar e compreender a imagem, assim como para analisar e construir novos significados. Não basta interpretar, reinterpretar e revelar seu significado polissêmico. É preciso, também, construir mensagens visuais e audiovisuais. (SANTOS, 2002, p. 39)

Aos educadores importam os usos sociais desse novo espaço de relacionamento. Nesse contexto, que não prescinde de uma base de conhecimento sólida, a principal meta da ação educativa é possibilitar aos alunos a compreensão desse novo espaço, para que possam integrá-lo à sua vida e usufruir de suas potencialidades de maneira crítica e reflexiva.

1.1 A incorporação das tecnologias em sala de aula

A incorporação da tecnologia em sala de aula, como apoio à aprendizagem dos alunos, tem sido feita habitualmente de quatro maneiras: exposição do professor apoiada em tecnologias; iniciação à informática; exercitação por meio de jogos educativos e aprendizagem por investigação, utilizando as tecnologias como recurso. (MORAN, 1997)

Da perspectiva do professor, ele aprende o básico para utilizar as tecnologias da informação e da comunicação. A iniciação à informática, em sala de aula específica com professor especialista nessa tecnologia, pretende dar aos alunos conhecimentos básicos sobre o uso do *mouse*, criação e armazenamento de arquivos, navegação na internet, uso de editor de texto conhecimento necessário para que se acessem as tecnologias da comunicação.

Entretanto, esse conhecimento não garante o uso reflexivo e estratégico das tecnologias, porque é uma ação educativa que pretende ensinar a manejar a ferramenta, sem se preocupar com a finalidade de seu uso.

A exercitação por meio de jogos educativos, que são criados por empresas ou por profissionais especializados, pode motivar os alunos a fixar conceitos ensinados. Muitos desses programas estabelecem pouca interatividade com os usuários, restringindo-se a exercícios em que eles devem descobrir a resposta certa. (DIEHL, 2002)

Os programas que estabelecem maior interatividade permitem trabalho cooperativo, feito em dupla ou em grupo. É uma forma de aprender os conhecimentos básicos de informática de maneira contextualizada, com uma finalidade bem definida, mas não possibilita, de maneira plena, o uso autônomo dessa tecnologia de acordo com os interesses de cada aluno.

A aprendizagem por investigação, utilizando as tecnologias como recurso, propicia o trabalho investigativo e autônomo, pois cabe aos alunos definir o projeto de estudo, estabelecer as etapas de trabalho, a formação da equipe e distribuição de tarefas, a busca e a seleção da informação.

As novas tecnologias da informação e da comunicação reúnem condições de estimular a inovação na ação docente, embora sua mera inserção no ambiente educacional não baste para que se mude a prática educativa. Isso porque a tecnologia assume a abordagem que o professor atribui a ela. Portanto, ela pode ser usada de forma convencional ou não. (CYSNEIROS, 1998)

A tecnologia, por si só, não assegura uma educação diferenciada. Para que ela adquira significado no processo de ensino-aprendizagem, é preciso que o professor a integre ao seu conhecimento pedagógico geral, como propôs Charlot (2005, p. 51):

Os professores deverão gerar formas alternativas de lidar com suas disciplinas análises, ilustrações, metáforas, exemplos, experimentos, simulações, dramatizações, músicas, filmes, casos de ensino, demonstrações etc. que levem em consideração diferentes habilidades, conhecimentos prévios e estilos de aprendizagem de seus alunos. O modelo do raciocínio pedagógico contempla, precisamente, o processo de construção desse conhecimento de como ensinar.

No caso da inserção das mensagens multimídias em sala de aula por meio das novas tecnologias, o repertório do conhecimento pedagógico geral deve incluir conhecimentos teóricos de aprendizagem multimídia, para que o professor possa gerar novas formas de manejar sua disciplina, caso da lousa eletrônica que abre novas possibilidades para o professor e seus alunos.

O conhecimento pedagógico geral (...) inclui conhecimentos de teorias e princípios relacionados a processos de ensinar e aprender; conhecimentos dos alunos (características dos alunos, processos cognitivos e desenvolvimentais de como os alunos aprendem); conhecimento de contextos educacionais (...); conhecimentos de outras disciplinas que podem colaborar com a compreensão dos conceitos de sua área, do currículo como política em relação ao conhecimento oficial e como programas e materiais destinados ao ensino de tópicos específicos e da matéria em diferentes níveis e conhecimento de fins, metas e propósitos educacionais e de seus fundamentos filosóficos e históricos. (CHARLOT, 2005, p. 52)

Segundo Duarte (2002), para que os professores possam ensinar ou apoiar sua aula na utilização dos meios de ensino, eles devem:

- (1) conhecer os meios e ser capazes de interpretar e manipular seus códigos de comunicação;
- (2) saber manejá-los, se o conteúdo já estiver elaborado, ou conhecer as ferramentas que permitem a criação de conteúdos;
- (3) saber aplicá-los a uma situação de aprendizagem concreta que queira executar.

E vai além: esses meios não devem ser empregados de maneira ocasional, mas devem estar integrados à programação da disciplina e seu uso deve ser previsto no planejamento das aulas. Isso porque:

De certa forma, as novas tecnologias da comunicação e da informação exigem uma nova configuração do processo didático e metodológico aplicado nas escolas, em que o saber não tenha necessariamente de recair no professor, e a função do aluno não seja a de mero receptor de informações. Isso estabelece uma mudança nos papéis tradicionalmente desempenhados pelos atores que intervêm no ato didático, que levam o professor a alcançar dimensões mais importantes, como a de desenhar situações instrucionais para o aluno sendo o tutor do processo didático. (DUARTE, 2002, p. 45)

Em suma, a incorporação das TICs pelo professor exige que ele seja capacitado no uso de tecnologia em educação, para que possa explorar plenamente suas potencialidades, permitindo-lhe construir conteúdos audiovisuais e usá-los com uma finalidade didática clara.

É o caso da lousa eletrônica, uma mídia que, para ser incorporada à sala de aula, exige que o professor detenha os conhecimentos necessários sobre o seu funcionamento e saiba quais são as possibilidades de uso em sala de aula. Segundo Leal e Gouvea (2001, p. 67):

[...] a aplicação da tecnologia à educação vai além da vontade do professor, pois depende da articulação da potencialidade, da tecnologia apresentada, das disponibilidades estruturais das instituições de ensino e da produção técnica (vídeo, softwares etc.) em prol da educação.

Portanto, a educação em relação à revolução tecnológica se torna campo de atuação indispensável, na dinâmica das novas tecnologias, sendo talvez a área mais impactada, principalmente, em se tratando da grande importância desse auxílio no processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar. Dalapossa (2013) lembra que se faz necessário relacionar teoria e prática para que possamos perceber através dos mais diversos meios de tecnologias, a importância de avançarmos enquanto corpo docente e discente. Nesse caso, as tecnologias proporcionam novas formas de pensar e de transformar-se diante desse novo mundo globalizado.

CAPÍTULO 2

A LOUSA ELETRÔNICA

A lousa eletrônica consiste de um computador conectado à internet mais um videoprojetor. Com ela, o professor pode projetar em uma parede conteúdos gerados e armazenados no computador ou disponíveis na internet. Também é possível captar conteúdos gerados em câmeras digitais ou transmitidos por antena de tevê, desde que esses aparelhos estejam conectados ao computador.

Os vários modelos disponíveis de lousa eletrônica têm a mesma função: permitir ao usuário controlar o computador a partir da própria lousa, dispensando o uso do mouse ou do teclado, embora esses dois periféricos também possam ser utilizados. (AMORETTI, 2001, p. 12)

Um projetor multimídia permite ao usuário exibir qualquer conteúdo do seu computador para um grupo de pessoas, e acessar o computador a partir da lousa em vez de fazê-lo pelo teclado. Isso possibilita manipular CDs-ROMs, documentos gerados em processadores de texto, slides e sítios com um simples toque no local adequado da lousa.

A maioria das lousas eletrônicas é acompanhada de seu próprio software, que geralmente oferece uma variedade de funções. Todas as lousas eletrônicas têm uma área de desenho ou área branca onde é possível criar páginas de conteúdo didático. O professor pode prepará-las com antecedência, dispondo de uma variedade de recursos, como imagens, vídeos, áudios. (AMORETTI, 2001, p. 13)

Outra possibilidade é construir as páginas durante sua explanação, usando esses mesmos recursos previamente gravados. É também possível iniciar a explanação com uma página branca, que é construída integralmente à medida que se desenvolve a apresentação do

conteúdo. Todas as páginas podem ser salvas, em sequência, o que possibilita tanto ao professor quanto os alunos exibirem-nas novamente, avançando ou recuando pelas páginas. (ALMEIDA, 2003)

2.1 O uso da lousa

Introduzida nas salas de aula em meados da década de 1990, a lousa eletrônica permite socializar conteúdos entre professor e alunos, sejam eles capturados de fontes externas sejam produzidos pelos alunos (relatórios de trabalho individual, em dupla ou em grupo, resolução de exercícios). E mais: é possível compartilhar informação, comentá-la e discuti-la com toda a classe.

Os professores podem explicar e corrigir coletivamente os exercícios, propor perguntas e realizar avaliações. Seu uso permite que alunos e professores se concentrem nos processos de aprendizagem e nos aspectos pedagógicos, respectivamente. Os alunos participam e interagem mais, propõem idéias e exercitam o espírito crítico; os professores incentivam as discussões, observam os avanços dos alunos, detectam as dificuldades que apresentam, respondem às dúvidas individuais ou coletivas, entre outros aspectos. (ALMEIDA, 2003, p. 329)

Segundo Monteiro (2001), a incorporação da lousa eletrônica em sala de aula passa por três momentos distintos. De início, ela é usada apenas como um apoio visual, promovendo pouca interatividade e discussão. Num segundo momento, o professor apresenta por meio dela uma variedade de estímulos verbais, visuais e estéticos, a partir dos quais questiona os alunos, estimulando-os a pensar sobre o tema que lhes é apresentado.

Num terceiro momento, marcado por alta interatividade, o uso da lousa eletrônica marca a dinâmica da sala de aula, com uma mudança no papel do professor. Aqui, seu uso permite aos alunos integrar conceitos, cabendo ao professor encorajá-los a responderem aos

estímulos apresentados, o que aumenta a habilidade de comunicação (falar e ouvir), seja individualmente, em pares ou em grupos.

De acordo com Zancheta Junior (2008), a incorporação da lousa eletrônica como ferramenta didática depende fundamentalmente do perfil do professor, em particular da maneira como ele encara o livro texto. Sob esse aspecto, há dois tipos distintos de professor: (1) há os que acreditam que o livro texto é mais do que suficiente como fonte de informação e (2) há os que incorporam uma série de informações às atividades que desenvolvem em sala de aula, além das oferecidas pelo livro didático.

Professores do primeiro grupo são refratários ao uso da lousa eletrônica, porque, essa mídia não agrega valor e não há conteúdos disponíveis com os quais trabalhar. Já os professores do segundo grupo buscam conteúdos na internet e preparam material multimídia, que são utilizados em sala de aula por intermédio da lousa eletrônica. Entre esses dois grupos, há os professores que não produzem material próprio nem investem na exploração de recursos, encontram conteúdos que se adaptam ao curso que desenvolvem em sala de aula.

O conteúdo desenhado em formato multimídia, que incorpora características não encontradas na informação contida nos livros (como movimento e som, por exemplo) é um segundo fator determinante para a incorporação da lousa eletrônica em sala de aula, segundo esse mesmo autor. Além disso, a lousa eletrônica produz um ambiente em sala de aula familiar ao professor. (ZANCHETA JUNIOR, 2008, p. 23)

Ao utilizá-la, cria-se um ambiente pouco dispersivo e fácil de ser controlado visualmente pelo professor, uma vez que os alunos focam sua atenção num ponto definido da sala: a lousa. Esse cenário deixa o professor seguro e confortável, mesmo quando a lousa perde a calibração, o problema técnico que ocorre com mais frequência. Nesse caso, recalibrar a lousa eletrônica é uma ação simples e executável em pouco tempo.

Segundo Almeida (2000), a maioria dos professores que está em sala de aula, hoje, formou-se antes das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) se tornarem um recurso importante em educação, não tendo recebido capacitação sobre seu funcionamento e sobre as possibilidades de uso em educação. Essa lacuna pode ser suprida com um programa de formação continuada, que inclua cursos que lhes dê as habilidades e o conhecimento de que necessitam a respeito dessas tecnologias.

Além de uma capacitação geral, os docentes devem receber orientações específicas sobre como incorporar as TICs em sua prática diária, em especial na maneira como isso é feito em sua disciplina, incluindo relato de experiências concretas da utilização dessas tecnologias em sala de aula.

Em suma, uma maneira de mudar a postura dos professores que resistem ao uso da lousa eletrônica é criar e disponibilizar conteúdos bem desenhados e adaptáveis ao currículo da disciplina, poupando-lhe tempo de pesquisa de conteúdo na internet ou de adaptação à aula com lousa eletrônica. De fato:

Há pelo menos dois pontos comuns nas conclusões das pesquisas sobre o uso das TICs como apoio à aprendizagem dos alunos:
(1) o professor é o aspecto central da inserção dos recursos de TICs na escola;
(2) é necessário um modelo curricular que permita de forma clara integrar as TICs, de maneira a se obter melhores desempenhos. [...]
[...] é desejável que a tecnologia se integre tão perfeitamente à dinâmica de sala de aula que passe despercebida, de modo que estudantes e professores não foquem sua atenção no seu uso, mas que a considere um ferramenta ou meio de apoio aos processos de aprendizagem do aluno. (ALEGRO, 2008, p. 37)

Em pesquisa realizada com dez professores e 197 alunos de uma escola norte-americana, com o objetivo de investigar o impacto do uso da lousa eletrônica, como ferramenta instrucional, na motivação dos alunos, Altoé e Baladeli (2009, p. 6172) concluiu que:

A primeira questão do estudo era: O uso da lousa eletrônica como uma ferramenta instrucional afeta a motivação dos alunos? A resposta inequívoca [...] é sim. Na pesquisa feita com os alunos, não houve nenhuma questão à qual se atribuiu um valor inferior a 3 (concordo).

[...] A declaração mais frequente usada pelos estudantes para expressar que concordam com a questão relacionou-se com a percepção de que se divertiam em usar a lousa eletrônica interativa em sala de aula.

[...] A segunda questão do estudo era: A maneira pela qual a lousa eletrônica é usada em sala de aula interfere na motivação do aluno? A resposta a essa pergunta foi obtida pela comparação entre a maneira como a lousa eletrônica era usada e a resposta dos alunos pesquisados. A maneira pela qual os professores usaram a lousa eletrônica foi registrada por meio da observação direta do pesquisador. Os dados coletados incluíram a frequência com que eram exibidos texto, gráficos, vídeos e áudio. Além disso, foi medida a quantidade de ocorrências em que alunos e professores usaram o sentido do tato para manipular informações exibidas na superfície da lousa. Com base nos resultados obtidos pela pesquisa realizada com os alunos, foi possível estabelecer uma correlação entre o alto índice de avaliação atribuído à lousa eletrônica e o tipo de mídia utilizado, mas não em relação à frequência de acesso dos alunos à lousa. Surpreendentemente, quatro das cinco classes que atribuíram valor mais alto ao uso da lousa eletrônica [...] foram justamente as classes cujos alunos tiveram menos interação com a lousa.

De fato, em duas dessas quatro classes os alunos não tiveram uma oportunidade sequer de tocar a lousa eletrônica. Entretanto, também foram essas classes em que se fez o melhor uso de multimídia. As atividades desenvolvidas nessas classes incluíram o uso de um software interativo de matemática do qual os alunos assistiam a um vídeo para depois usarem a matemática a fim de resgatar um indivíduo acampado na floresta, um vídeo transmitido pela internet a respeito de um fato cotidiano, o Power Point para rever conceitos estudados em ciências e o software *Inspiration* para criar um mapa conceitual de narrativa literária. (ALTOÉ; BALADELI, 2009, p. 6172)

O apelo visual de certos recursos - animações, simulações e vídeos - imagens em movimento, cativam os alunos e os ajudam a compreenderem os conceitos que lhes são apresentados. De fato:

O papel que as novas tecnologias podem trazer para a aprendizagem justifica-se também pelo número de sentidos que elas podem estimular, e a potencialidade que esses têm na retenção da informação. Diversos estudos já considerados clássicos revelaram que se recorda de 10% do que se ouve, 20% do que se vê, 50% do que se ouve e vê e 80% do que se ouve, vê e faz. Dito de outra maneira, algumas das novas tecnologias são perfeitas para propiciar a retenção da informação, como as multimídias, que combinam diferentes sistemas simbólicos, e os programas interativos, em que o aluno, além de receber informações por meio de diferentes códigos, tem de realizar atividades. (ALTOÉ; BALADELI, 2009, p. 6173)

Além de ficarem mais motivados e comprometidos com as atividades propostas em sala de aula e com as tarefas propostas para casa. (ALMEIDA, 2001)

CAPÍTULO 3

A TECNOLOGIA NO ENSINO

Ao incorporar tecnologias em suas exposições, o professor, mantendo-se no papel de pessoa que ensina a pessoas que aprendem, tem a intenção de apresentar alguns conceitos de forma mais agradável e atrativa para os alunos. São transparências, simulações virtuais e conteúdos multimídia, produzidos por editoras ou por empresas educacionais, com os quais é possível aumentar a motivação dos alunos pelo assunto e ilustrar com mais clareza o tema em estudo. E a internet é usada basicamente como biblioteca, onde se encontram informações armazenadas, como mídia difusora de informações.

“Muitas das evidências a respeito do impacto do uso das TICs no resultado e no comprometimento dos alunos foram reveladas por estudos de pequena amplitude feitos nos primeiros anos em que as tecnologias entraram em sala de aula.” (GOERGEN, 2001, p. 14)

3.1 O papel do professor

Para Niskier (1996), a sociedade atual exige do professor que abandone o papel de fonte de informação durante muito tempo compartilhado pelas bibliotecas, pelos livros em geral e pelos livros didáticos, em particular, passando a gestor de conhecimento atento à diversidade de seus alunos, orientando-lhes a aprendizagem. Mas o professor resiste.

Nascido, educado e formado para desempenhar a função de protagonista da sala de aula, autoridade única transmissora de um saber preconizado em documentos oficiais e em livros didáticos, o professor compreende menos do que seus alunos as novas tecnologias da informação, tem dificuldade de incorporá-las em sua vida pessoal e profissional.

Há docentes que incorporam novas tecnologias à prática docente, mas se apegam a práticas didáticas e a metodologias não muito eficazes. Em outras palavras, esses fazem mais do mesmo mas utilizam novos recursos. Segundo Vieira (2009 , p. 59):

[...] quando aparece uma nova tecnologia, os primeiros usos são sempre uma substituição/imitação de tecnologias anteriores. É o que vem acontecendo em todos os campos ao longo da história. Assim, os primeiros automóveis eram carruagens sem cavalos, o primeiro cinema era teatro filmado, as primeiras lâmpadas imitavam as velas (e se passaram anos até que se percebesse que era possível ter lâmpadas de ponta-cabeça). (VIEIRA, 2009, p. 59)

No âmbito educacional, dá-se o mesmo: o vídeo substitui a explicação oral, as transparências apenas afastam os professores do quadro-de-giz, os exercícios de múltipla escolha são feitos na tela do computador. Dos alunos se espera que assistam, que anotem, que respondam.

Uma das características que os distingue dos alunos de gerações anteriores, às quais pertence a maioria de seus professores, é a alfabetização digital. Segundo Tuma (2005) os alunos de hoje são nativos digitais e seus professores são imigrantes digitais. De fato, os alunos são mais confiantes e hábeis no uso de tecnologias do que seus professores. E, ainda, segundo esse autor:

O contato contínuo com os novos meios de informação e comunicação, os videogames, o hipertexto e a hipermídia, a comunicação instantânea global, Google, Flickr, YouTube, eMule, Messenger, MySpace, e outro software social, “copiar e colar”, “mesclar e gravar”, mp3, iPods, iTunes, etc contribuíram para criar novas maneiras de trabalhar a informação e comunicar-se com outras pessoas, maneiras que se ajustam mal com as tecnologias, formatos e discursos tradicionais da escola: o livro texto linear, as classes como um grande grupo, a repetição, a aquisição de conhecimentos não-aplicáveis imediatamente [...]. (TUMA, 2005, p. 55)

Até meados do século XX, a maior parte da informação estava armazenada em palavras, registradas em livros. Embora o texto verbal ainda prevaleça como principal veículo de informação, é crescente a quantidade dela que tem migrado para soluções multimídia.

Para Moran (2007, p. 48), os jovens têm um “deslumbramento pelas imagens e sons; têm uma aguda percepção da linguagem audiovisual”. E segundo Pessanha et al. (2004, p. 58),

[...] muito se tem publicado sobre a necessidade de se aumentar a alfabetização de textos verbais em nossa sociedade isto é, a necessidade de professores ensinar as pessoas a ler e a escrever. Pouca coisa tem sido dita, entretanto, sobre a necessidade da alfabetização visual, que está para as imagens assim como ler e escrever estão para as palavras. (PESSANHA et al., 2004, p. 58)

Por que isso acontece? Uma possibilidade de resposta é o que o bom senso sugere: somos alfabetizados visualmente pela prática. Afinal, vivemos mergulhados em um mundo de imagens. Porém, conforme Silva (2010), assim como uma pessoa não aprende a escrever apenas lendo, ela também não se torna alfabetizada visualmente apenas observando imagens.

É necessário, isso sim, que se adquira a habilidade de ler imagens, portanto, é preciso conhecer e explorar suas potencialidades. Essa é uma ação que é e será cada vez mais exigida do professor, do gestor e do editor, seja na educação a distância seja na presencial, em que mídias interativas, como a lousa eletrônica, são incorporadas ao curso oferecido.

Para que essa incorporação se efetive, é preciso que todos conheçam e reconheçam a contribuição que esse recurso traz para a aprendizagem, como se faz a articulação de conteúdos entre as mídias impressas e não-impressas.

Em suma, “não basta introduzir tecnologias - é fundamental pensar em como elas são disponibilizadas, como seu uso pode efetivamente desafiar as estruturas existentes em vez de reforçá-las.” (SILVA, 2010, p. 25)

3.2 O papel da escola

Segundo Malerba (2006), as transformações tecnológicas têm afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento, daí, a necessidade de mudança dos métodos de ensino em todas as disciplinas.

Não há como negar o papel desempenhado pelos veículos de comunicação na sociedade atual, a televisão, o computador, o cinema, concorrem com os antigos livros e com outros instrumentos de produção e consumo de informações escritas.

Além dos conteúdos, uma outra questão que suscita vários questionamentos no ensino é a questão do material didático. Os materiais didáticos são instrumentos de trabalho do professor e do aluno, suportes fundamentais na mediação entre o ensino e a aprendizagem. (JULIA, 2001)

Livros didáticos, filmes, textos de jornais e revistas, mapas, dados estatísticos e tabelas, entre outros, têm sido usados com frequência nas aulas. É grande o número de opções de materiais: publicações didáticas e paradidáticas, dicionários especializados, além de materiais em suportes diferenciados daqueles que originalmente têm sido utilizados pela escola, em vídeos e computadores.

Diehl (2002) afirma que os materiais didáticos são mediadores no processo de aquisição de conhecimento, além de serem facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica de cada disciplina. Para o professor, a utilização dos materiais didáticos soma-se à utilização dos documentos, escritos ou não, que podem ser: contos, lendas, pinturas, artigos de jornais, leis, cartas, filmes e documentários.

Esses documentos foram produzidos, inicialmente, sem a intenção didática e são destinados a um público mais amplo e diferenciado. No entanto, esses materiais podem ser transformados pelo professor e seu método em materiais didáticos.

Em um mundo visual, marcado por avanços tecnológicos, a utilização da imagem, seja ela em movimento ou não, ainda não é tão utilizada nas escolas; ou por falta de estrutura ou por despreparo do professor.

Qualquer imagem é importante, e não apenas as produzidas por artistas. Fotografias ou quadros registram pessoas, seus vestuários, e são marcas de uma história. Da mesma forma os filmes; eles registram a vida contemporânea e reconstroem o passado, revivendo guerras, batalhas, ou ainda imaginando um tempo futuro. Mostram aspectos biológicos invisíveis ao olho humano. Informam sobre o clima e a topografia, entre muitos outros vastos conhecimentos. Eles são necessariamente produzidos pela indústria cultural e podem ser selecionados de diferentes formas, de acordo com a opção de trabalho dos professores ou dos projetos pedagógicos da escola. (CHARLOT, 2005)

CAPÍTULO 4

O ENSINO E O CINEMA

Para Candau (2000), a utilização do meio audiovisual e, mais precisamente, do cinema como recurso pedagógico nas aulas tem como objetivo trazer para sala de aula imagens que documentam alguma parte da história e das ciências, além de ser um instrumento valioso para ensinar, por exemplo, o respeito aos valores, crenças e visões de um mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas.

Como afirma Almeida (2001):

a utilização do cinema na educação [...] é importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados [...]. O cinema participa da história, não só como técnica, mas também como arte e ideologia. Ele cria ficção e realidades históricas e produz memória. É ele um registro que implica mais que uma maneira de filmar, por ser uma maneira de reconstruir, de recriar a vida, podendo dela extrair tudo o que quiser. Por isso, o cinema deve ser um meio de explorarmos os problemas mais complexos do nosso tempo e de nossa existência, expondo e interrogando a realidade, em vez de obscurecê-la ou de a ela nos submetemos. (ALMEIDA, 2001, p. 48).

A introdução do cinema, como instrumento de apoio ao processo de aprendizado, possibilita uma primeira ruptura nesse sistema acadêmico, que privilegia a oralidade. Segundo Alegro (2008, p. 39), "com o emprego de fitas cinematográficas como recurso didático, estaríamos lançando mão de um dos mais poderosos meios de comunicação e também utilizando uma linguagem absolutamente atual".

Cabe salientar que os filmes produzidos pelo cinema não são registros de uma história tal qual aconteceu ou vai acontecer, mas representações que merecem ser entendidas e percebidas, não só como diversão, mas como um produto cultural capaz de comunicar emoções e sentimentos e transmitir informações.

São vários os educadores que se preocupam com esse conceito de representação. A utilização dele visa superar a concepção de que as imagens fixas ou em movimento têm sido a base da informação, e que é entendida como o real. (ABUD, 2003)

Abud adverte ainda que “os educadores deparam hoje com um fenômeno inusitado: a transformação do acontecimento em imagem, de modo que conhecer se reduza a “ver”, e não mais a compreender”. (ABUD, 2003, p. 21)

A introdução do cinema na educação não pode se resumir a apenas “ver” e, para que isso não ocorra, é necessário uma preparação por parte do educador, que deve estar atento para o papel do espectador, do consumidor das imagens; o aluno, no caso, não deve ser visto como um sujeito passivo, mas integrante do processo, ou seja, um sujeito que não apenas assimila a cultura hegemônica, mas que também estabelece novas formas de comunicação.

Segundo Amoretti (2001), a utilização do cinema nas aulas é recente. Marc Ferro foi um dos historiadores pioneiros no emprego do filme como fonte documental. Considerava ser fundamental enxergar o filme como documento, não no sentido de imagem objetiva da realidade, mas sim, no status de revelador ideológico, político, social e cultural de uma determinada cultura e de seus interesses, nem sempre retratados de modo explícito, entretanto, passíveis de serem observados nas sutilezas e entrelinhas das imagens expostas num filme:

Resta estudar o filme, associá-lo ao mundo que o produz. A hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História; o postulado? Que aquilo que não se realizou, as crenças, as intenções, o imaginário do homem, é tanto a História quanto a História. (AMORETTI, 2001, p. 20)

O uso do cinema em sala de aula ainda é objeto de muita controvérsia entre estudiosos e pesquisadores do assunto, no que diz respeito à validade dessa linguagem para o ensino e a aprendizagem.

Sem dúvida, a grande resistência para enxergar um filme, como um instrumento didático da maior eficácia, ainda é grande. Isto ocorre por várias razões que encontram no imobilismo conservador das instituições acadêmicas um terreno fértil. (CANDAU, 2000, p. 18)

A escola e a universidade acompanham, com dificuldade, as inovações tecnológicas processadas durante a contemporaneidade. Olhos mais inteligentes, porém, como os de David Griffith - não por acaso um grande produtor de ideologia, há muito, compreenderam o absurdo que é negar tão absoluta evidência. Segundo ele: “Chegará um momento em que às crianças nas escolas se lhes ensinará tudo através dos filmes. Nunca mais se verão obrigadas a ler livros.” (DIEHL, 2002, p. 92)

A observação de que o ensino acompanha com muita dificuldade a revolução tecnológica deve ser completada pela constatação que, de algum modo, essa mesma revolução chega à "escola da vida", que se desenvolve para além dos muros institucionais. (DIEHL, 2002, p. 93)

A leitura dos livros é indispensável para a formação da população estudantil. Porém é mais fácil fazê-la deleitar-se com imagens em movimento, o que, aliás, ela faz, quer queira-se, ou não. Portanto, a didática inteligente deve apoderar-se da motivação provocada pelos filmes para levar os estudantes à polêmica e ao aprofundamento. (GOERGEN, 2001)

Se pensarmos na relação imagem/educação, podemos concluir que toda imagem é produto do seu tempo e carrega consigo ideologia, costumes, de quem a produziu e do período em que foi produzido.

Com isso, podemos concluir que toda imagem é um documento e que também é possível utilizá-la didaticamente. Como apontou Goergen (2001, p. 16):

[...] o filme como criação coletiva feita para a coletividade, torna as multidões um fator determinante para a sua produção, uma vez que não faz sentido filmar para poucos, interessando ao produtor que um maior número possível de espectadores usufruam do seu trabalho; esta especificidade do cinema possibilita às multidões controlarem esta linguagem. O cinema, não

importa a que gênero pertença, transformou-se em documento da história contemporânea. Na verdade, o filme é tão somente uma das fontes a mais do trabalho historiográfico; e esse só atingirá o seu objetivo de analisar uma sociedade, ou mesmo de seus aspectos, se tiver o complemento de outros documentos.

Essa “limitação” do cinema, como fonte histórica, reside no fato que, por se tratar de uma arte, o cinema não tem compromisso com a realidade, apesar de registrar as inscrições históricas do período em que foi produzido.

Em comparação aos documentos escritos, pode-se afirmar que, em geral, os filmes possuem um maior grau de espontaneidade, fato que abre, sem dúvida, amplos espaços para a prática da investigação. Isso obriga o historiador a voltar seus olhos, não apenas para o aparentemente mais significativo, mas também, para o mais "banal", "corriqueiro": o detalhe quase imperceptível. Dessa forma, o cinema, ao lado de outras formas de expressão, acaba construindo uma História diferente da História institucionalizada, tradicional e dominante, à qual Ferro se refere como sendo uma "contra-História". (ARRUDA, 2002, p. 72)

A utilização direta dos documentos imagéticos, na prática de ensino-aprendizagem, pode ajudar a transformar a estrutura do ensino e incorporar a idéia de que ela é a educação tem uma estrutura viva, elaborada a partir do presente e não de forma aleatória e desconectada.

Em um dos capítulos de *A Era dos Extremos* (1994), Eric Hobsbawn reafirma a importância do cinema neste século e diz “que a reprodutibilidade técnica”, não apenas transformou a forma de como se dá à criação, mas também, a maneira de como as pessoas percebem a realidade. (*apud* BENTO, 2010, p. 64)

Segundo Hobsbawn (1994 *apud* BENTO, 2010), o homem do século XX jamais seria o que é, se não tivesse entrado em contato com imagens filmicas. O lazer, a estética e a didática dos filmes não podem fazer negligenciar o valor intrínseco desses como fonte de conhecimento.

Um gesto, as pessoas nas ruas, o estilo dos edifícios, o interior das casas, a indumentária dos personagens em um bar, a expressão de seus rostos, tudo tem a sua importância exatamente porque constitui a matéria de uma outra história, distinta da história narrada. É preciso considerar o mundo a partir das imagens. (BENTO, 2010, p. 65)

O uso da linguagem cinematográfica, como instrumento auxiliar de formação no ensino, tem a finalidade de integrar, orientar e estimular a capacidade de análise dos estudantes. O educador como cientista social não pode manter-se alheio à influência que a imagem tem na sociedade, pois corre o risco de ficar de fora do processo em curso.

Segundo Abud (2003), um filme diz tanto quanto for questionado; tudo depende dos objetivos que orientam a escolha dos conteúdos com os quais se deseja trabalhar – relação professor/aluno, currículo, prática pedagógica, etc. São infinitas as possibilidades de leitura de cada filme; o filme, seja ele qual for, sempre vai além do seu conteúdo, escapando mesmo de quem faz a filmagem.

Toda tentativa de análise de um filme implica em uma redução do seu sentido em consequência da impossibilidade de uma análise total e acabada (só alcançável como hipótese). Todo processo de transformação (que se configura como uma abstração) das imagens em linguagem escrita ou verbalizada leva sempre ao empobrecimento relativo do seu significado. (ALEGRO, 2008, p. 39)

A verdade é que o fenômeno do cinema cria uma outra história contra a qual os livros não podem muita coisa, se considerar o condicionamento da visão das massas. Esse fenômeno é tão mais sério se observarmos o alcance da televisão, do videocassete e mais, recentemente, do DVD, em todo o planeta. (CHARLOT, 2005)

É claro, assim como as demais fontes, o cinema possui suas limitações e tem sua própria forma de verificação que cabe ao professor se inteirar, procurando conhecer suas regras para poder melhor utilizá-lo.

É indispensável tratar o cinema como fonte para o conhecimento. Basta que o professor construa uma metodologia para a utilização do cinema, pois não existe uma metodologia pronta e acabada sobre o uso dele em sala; o importante é que, valendo-se de sistematização básica de troca constante de experiências, todo professor e toda escola criem seus próprios mecanismos e procedimentos e, o mais importante ainda, reflitam coletivamente sobre eles. É preciso perder o medo, pois a metodologia será construída através da experimentação. (CHARLOT, 2005)

Segundo Julia (2001), o professor é a autoridade diante da sua matéria e de seu saber. Cabe a ele a escolha do tema e da abordagem, que devem ser avaliados de acordo com a maturidade da classe e da matéria, pois quanto mais elementos da relação ensino – aprendizagem estimularem o interesse do aluno, mais o uso do cinema em sala de aula será otimizado.

CONCLUSÃO

Ao término desse trabalho, pode-se concluir que:

- As transformações tecnológicas têm afetado todas as formas de comunicação e introduzido novos referenciais para a produção do conhecimento.
- Nos anos 1990, são muitas as novidades que interferem nas novas concepções de educação no ambiente escolar.
- Das propostas curriculares produzidas ao longo desses anos, poucas conseguiram sair do campo da teoria para a prática.
- As propostas curriculares que conseguiram ser implementadas, na maioria das vezes, acabaram por serem mal interpretadas, resultado da falta de diálogo e de clareza entre os responsáveis pela elaboração das reformas e dos professores.
- Atualmente, o emprego de recursos tecnológicos tem feito parte do cotidiano na escola, aproximando a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, bem como introduzindo novas questões no processo educacional.
- Educar não se limita a simples transmissão de conteúdos prontos, mas exige do professor o exercício contínuo sobre a prática, em busca de estratégias eficazes do ensinar e do aprender.
- É necessário que o professor esteja sempre avaliando continuamente a sua prática, valorizando interações e atitudes baseadas no conhecimento que tem sobre a disciplina e implementando estratégias eficazes para torná-la passível de ser aprendida.

- A prática educativa deve ser objeto de investigação e reflexão, que possibilite a mudança e o aprimoramento dos papéis exercidos por professores, alunos, gestores e família.

REFERÊNCIAS

- ABUD, Katia Maria. A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. **História**, Franca, v. 22, n. 1, 2003.
- ALEGRO, Regina Célia. **Conhecimento prévio e aprendizagem significativa de conceitos históricos no Ensino Médio**. 2008. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Marília-SP, 2008.
- ALMEIDA, M. J. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth de. Educação à distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 327-340, jul./dez. 2003.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth de. **Informática e Formação de Professores**. Brasília: SEED, 2000.
- ALTOÉ, Anair; BALADELI, Ana Paula Domingos. Formação de professores para atuação em Ambiente Informatizado: relato de experiência. Congresso Nacional de Educação Educere. **Anais...** Curitiba, 2009, p. 6172-6184.
- AMORETTI, Maria Suzana Marc. Protótipos e estereótipos: aprendizagem de conceito. **Informática na Educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, dez. 2001.
- ARRUDA, José J. A. O sonho de História que se tem no Presente. In: DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru-SP: EDUSC, 2002.
- BENTO, Luiz Carlos (Org.). **História e Ensino de História: as perspectivas do Saber Histórico e sua Culminância para o Desenvolvimento de um Projeto de Homem**. Jundiaí: Paço Editorial, 2010.
- CANDAU, V. M. (Org.). **Reinventar a Escola**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CYSNEIROS, P. G. Novas Tecnologias na Sala de Aula: Melhoria do Ensino ou Inovação Conservadora? IX ENDIPE, Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. **Anais...**, São Paulo, 1998, p.199-216.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru-SP: EDUSC, 2002.
- DUARTE, R. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GOERGEN, P. Educação moral: adestramento ou reflexão comunicativa? **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 12, n. 76, out. 2001.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo: n.1, p. 9-43. jan./jun. 2001.

LEAL, M. C. E; GOUVÊA, G. Uma visão comparada do ensino em ciência, tecnologia e sociedade na escola e em um museu de ciência. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 7, n. 1, p. 67-84, 2001.

MALERBA, Jurandir (Org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, M. C. **A história prescrita e disciplina nos currículos escolares**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MONTEIRO, A. M. F. Professores: entre saberes e práticas. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 74, p. 121-142, abr. 2001.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. **Professores de história: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MORAN, José Manuel. Como utilizar a Internet na educação. **Ciência da informação**, v. 26, n. 2, 1997.

MORAN, José Manuel. **Desafios na comunicação pessoal**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MORIN, E. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NISKIER, Arnaldo. **Educação brasileira: 500 anos de história 1500-2000**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Consultor, 1996.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, set./dez., p. 57-69, 2004.

SANTOS, L. W. (Org.). **Ciência, tecnologia e sociedade: o desafio da interação**. Londrina: IAPAR, 2002.

SILVA, André Chaves de Melo. **Imagens televisivas e ensino de história: representações sociais e conhecimento histórico**. 2010. Tese de Doutorado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

TUMA, Magda Madalena. **Trajetórias e singularidades de professoras das séries iniciais: conhecimentos sobre o tempo histórico**. 2005. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2005.

VIEIRA, Eva A. **Tecnologias no Cotidiano escolar: limites e possibilidades**. 2009. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2009.

ZANCHETA JUNIOR, Juvenal. Apontamentos para uma política educacional sobre mídia na escola brasileira. **Pro-Posições**, v. 19, n. 1, jan./abr. 2008.